

## UMA ANÁLISE DAS DENÚNCIAS DA PERSONAGEM PRETA SUSANA NO ROMANCE ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DO REIS

*AN ANALYSIS OF THE DENUNCIATIONS OF THE BLACK CHARACTER SUSANA IN THE  
ROMANCE URSULA BY MARIA FIRMINA DO REIS*

Leidilene Ribeiro Silva<sup>1</sup>  
Maria Francisca da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo é investigar de que formas ocorrem as marcas da violência na escrita antiescravistas de Maria Firmina dos Reis, por meio da personagem preta Susana, no romance *Úrsula*. A metodologia é de caráter qualitativo e documental, tendo como principal objeto de estudo a obra *Úrsula* de Reis (2017) e como embasamento teórico autores que trabalham sobre a literatura afro-brasileira como, Cuti (2010), Duarte (2007), Evaristo (2005), autores que tratam sobre violência e suas tipologias, citando Grossi (2012), Severiano (2018) e outros. Com base nisso, os estudos traçam uma abordagem sobre a figura de resistência na literatura afro-brasileira, com Maria Firmina dos Reis, trabalhando também os termos literatura afro-brasileira e negro-brasileira. A pesquisa faz uma abordagem sobre violência e algumas de suas tipologias, com base nessa abordagem a análise da personagem Preta Susana, na obra *Úrsula*.

**Palavras-chaves:** *Úrsula*; marcas da violência; Literatura Afro-Brasileira; Maria Firmina dos Reis.

**ABSTRACT:** The objective is to analyze how the marks of violence occur in the anti-slavery writing of Maria Firmina dos Reis, through the black character Susana, in the romance *Ursula*. The methodology is qualitative and bibliographical, having as main object of study the work *Úrsula* de Reis (2017) and having as theoretical basis authors who work on Afro-Brazilian literature as, Cuti (2010), Duarte (2007), Evaristo (2005) authors dealing with violence and its typologies, citing Grossi (2012), Severiano (2018) and others. Based on this, the studies draw an approach on the figure of resistance in Afro-Brazilian literature, with Maria Firmina dos Reis, also working the terms Afro-Brazilian and Black-Brazilian literature. It makes an approach about violence and some of its typologies and based on this approach the analysis of the character Preta Susana, in the work *Ursula*.

**Key-words:** *Ursula*; marks of violence; Afro-Brazilian literature; Maria Firmina dos Reis.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho surgiu por meio da disciplina “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, ministrada pela professora Lana Kaine”, No Curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, Centro de Ciências de São Bernardo, em 2017, possibilitando a leitura da obra *Úrsula* (2017), e uma

---

<sup>1</sup> Licenciada do Curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa (UFMA), professora da rede privada de São Bernardo. E-mail: leidilene.ribeiro@discente.ufma.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras Neolatinas (UFRJ), Professora Adjunta do Curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa (UFMA), Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudo GEPFEMEM, GEEPS, GEPELA. E-mail mf.silva@ufma.br



breve análise despertou o interesse de estudar a autora e sua obra. Dessa forma, a literatura negra e afro-brasileira traz visibilidade aos povos negros, possibilitando aos escritores esse campo de atuação, pois proporcionam a esse gruposeu espaço como protagonista. É necessário dar ênfase a essas literaturas, pois são elas que hoje têm dado voz à escrita negra. Tornou-se pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, no centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), orientada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Francisca da Silva, coautora deste artigo.

Esta pesquisa se justifica pela pretensão que se tem em dar voz as violências sofridas por Susana no período da escravidão, possibilitando a luz do aporte teórico ampliar as discussões sobre a obra de Maria Firmina dos Reis. Tendo como objeto de pesquisa o romance *Úrsula*, uma obra de 20 (vinte) capítulos que enfatiza um romance amoroso, mas que nas entrelinhas faz uma denúncia à sociedade que no período vivia a escravidão. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é investigar de que formas ocorrem as marcas da violência na escrita antiescravista de Maria Firmina dos Reis, por meio da personagem preta Susana, no referido romance. Quanto aos objetivos específicos, eles são: (i) destacar as contribuições de Maria Firmina dos Reis, para a literatura negra e afro-brasileira, (ii) apresentar os conceitos de violência física e psicológica sob o viés literário e (iii) analisar as marcas de violências sofridas por Susana, no nono capítulo da obra *Úrsula*. A problemática a ser respondida no decorrer deste trabalho é de: como ocorre as marcas das violências denunciadas na escrita antiescravista de Maria Firmina dos Reis? Apresentando como a autora, por meio de sua escrita, relata as violências sofridas por negros até se chegar ao Brasil.

Desse modo, o primeiro item deste trabalho vem abordar as contribuições que a escritora possibilitou com sua escrita, para que novas escritoras negras surgissem. Trazemos uma breve biografia da autora e sua trajetória, um contexto da literatura brasileira até a contemporaneidade, trazendo Maria Firmina como escritora contemporânea. Seu reconhecimento foi um leque de aberturas para a literaturas afro e negro brasileiras possibilitando que mulheres negras se torna-se em sujeitos de suas histórias e tendo que resistir aos preconceitos de gênero, classe e raça, como é o caso de Conceição Evaristo, que usa o termo *escrevivências* e tem ganhado bastante espaço com suas escritas.

No segundo item, trabalhamos a violência por uma ótica literária, mobilizando dois conceitos de forma teórica, os quais são: violência física e violência psicológica, e como as duas estão interligadas. Severiano (2018), por sua vez, afirma que qualquer ação que vier a prejudicar o bem estar e o convívio de um indivíduo na sociedade é uma violência psicológica, e Saffioti (2015) aborda que a violência psicológica está presente na violência física e ambas caminham juntas. Aqui destacamos essas violências por olhares de escritoras literárias que em suas obras representam, por meio de personagens, as violências que sofreram.

No terceiro item, procedemos à análise das violências, que se ocorre com frequência no nono capítulo. A autora traz uma personagem secundária e dá voz a ela, preta Susana, por meio de relatos de memórias, narra toda a violência sofrida ao ser retirada de sua pátria, e ser jogada no navio de transporte, até chegar em terras brasileiras. A partir desses relatos, buscamos fundamentar com teóricos que dessem embasamentos às análises.

Com isso, percebemos a necessidade de se trazer para este campo de atuação a escrita de Maria Firmina dos Reis, e os estudos sobre as literaturas negro e afro brasileiras, e buscando trabalhar as violências que se fazem presente em obras literárias, e possibilitando ao leitor estudar esse vasto campo literário.

## 2. MARIA FIRMINA DOS REIS

A autora maranhense que viveu na época do Brasil oitocentista, em pleno século XIX, tendo resistido a uma sociedade opressora e preconceituosa, teve uma rica contribuição para escrita afro-brasileira<sup>3</sup>, rompendo os paradigmas de uma sociedade na então província do maranhão, cidade essa que a autora nasceu.

Segundo os estudos de Zin, sua biografia se dá:

Nascida em 11 de outubro de 1825, na ilha de São Luís, capital da então província do Maranhão, a jovem foi registrada como filha de João Pedro de Esteves e Leonor Felipe do Reis, ainda que jamais tenha conhecido seu pai, menina bastarda, proveniente de uma família de pequenas posses, mas vivendo sob condições de segregação racial e social latentes, aos cinco anos, teve que se mudar para a vila de São José de Guimarães [...] (Zin, 2016, p. 23).

Mesmo distante da capital e na sociedade que vivia naquela época, sociedade essa que o machismo e racismo eram soberanos, e a mulher por sua vez não tinha sua voz ouvida, não se deteve e dedicou-se aos estudos “[...] aos vinte e dois anos, Firmina é aprovada em um concurso público para a Cadeia de instrução Primária em Guimarães, tornando-se assim, a primeira professora efetiva a integrar, oficialmente, os quadros do magistério maranhense [...]” (Zin, 2016, *apud* Moraes Filho, 1975, p. 23). Com essa afirmação, é perceptível a dedicação aos estudos e a busca por sempre estar informada do que se acontecia na época.

Embora seu legado na educação tenha sido longo, também foi momento de grande afronta na época ao implantar a primeira escola mista e pública do país. Até então, a educação para meninas era diferenciada e separada do sexo oposto, fica notório que sua visão sobre a educação era ampla e diferente dos padrões existentes, isso faz de sua existência algo muito estudado atualmente<sup>4</sup>, além de ter contribuído de forma tão significativa na educação, teve também grande influência na construção da cultura e identidade dos afro-brasileiros no Brasil.

Tendo ela vivido por anos no anonimato, marginalizada pela sociedade machista na condição de mulher e negra, Maria Firmina é considerada a pioneira do romantismo no Brasil e precursora da literatura afro-brasileira, mas também tendo em sua escrita um valor histórico importante para a mulher na literatura. Mesmo a figura do homem sendo predominante nos movimentos literários da época, a autora rompe com os paradigmas da época ao ter suas obras publicadas.

Perante o Brasil oitocentista, o qual era dominado por brancos, considerando a sociedade que dominava o comércio e os bens de produção advindas dos processo de colonização, e a principal fonte de economia do país era mão de obra escrava. Resistindo a todos os preconceitos da época, tomando por si uma escrita abolicionista e antiescravista, “[...] O romance *Úrsula* antecipa a obra do poeta abolicionista Castro Alves (cuja produção vai de 1876 a 1883); a obra *Vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo e *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães.”

---

<sup>3</sup> Maria Firmina Dos Reis possibilitou que houvesse uma abertura principalmente para a escrita de mulheres negras na literatura. Algumas das autoras as quais foram influenciadas pela autora foram: Carolina Maria de Jesus “Quarto de despejo” (2014); Conceição Evaristo “Olhos d’água” (2016); Cristiane Sobral “Não vou mais lavar os pratos” (2011).

<sup>4</sup>

(Andreta, 2013, p. 38). Diante de tal contexto histórico, essa antecipação a coloca em lugar de destaque e resistência na literatura.

As escritas além de serem de cunho abolicionista, trazem em si uma denúncia: a escravidão e ao patriarcalismo que se vivia, *Úrsula* (1859) por sua vez não foi o único escrito da autora, tendo ela publicado os contos *Gupeva* (1861) e *A escrava* (1887), e seu livro de poesia *Cantos à beira-mar* de (1871). Tais obras trazem em si, as mazelas do Brasil oitocentista, além de vir denunciar a escravidão, ela discorre sobre as condições que as mulheres eram submetidas.

Partindo desse pressuposto, é evidente o papel de resistência que a autora teve na sociedade sendo ela mulher, negra e maranhense, submetida a todo os tipos de opressão, uma vez que a voz de muitos negros foram caladas, no contexto histórico em que suas obras estão inseridas, mesmo com toda sua intelectualidade, porém na condição de mulher negra já a limitaria. No entanto, ao trazer o negro como protagonista da sua própria história, a autora retira a personagem do papel secundário em que a sociedade o coloca e marginalizava na época, isso pode ter ocasionado o fato de suas obras terem sido ignoradas por anos.

Ao ouvir a voz do próprio negro, a qual registra por meio do discurso suas vivências (e.g., a retirada de sua pátria, a travessia nos porões dos navios até chegar em terras brasileiras, as violências que os negros sofriam na travessia e em terras brasileiras), fez com que a obra *Úrsula* tomasse grande repercussão. Isso uma vez que traz consigo uma carga de subjetividade e marcas da escravidão. Na primeira publicação do romance, a autora assina com o pseudônimo “Uma maranhense”, em razão do preconceito da época com a classe feminina. *Úrsula* surge novamente em 1962, exatamente em momento da história que as mulheres lutavam por seu direito e movimento negro se fazia presente, na busca de igualdade e representativa na sociedade.

Consideramos que Firmina vem quebrar todos os padrões da sociedade em que vivia, traz um novo padrão da mulher, apresentando a personagem Susana, mulher esta já existente, porém esquecida pela sociedade da época, e não valorizada, rompendo os estereótipos associados à classe, colocando um olhar sobre a personagem, identificada como Mãe Suzana pela romancista, vindo explicar melhor a mulher negra, enquanto escrava, suas angústias, medos e a esperança, enfatizando que mesmo assim é símbolo de resistência. A escritora trata a mulher de forma diferenciada, sem nenhum tipo de pejorativos, mas, sim, como um ser igual aos outros, mais o coloca na condição de escrava, sofrida e maltratada. Enfatizando a mulher negra africana que tanto sofreu na escravidão, no Brasil, dando ênfase aos episódios do negro caçado em sua terra mãe África, roubando não só a dignidade mais a própria alma.

O olhar da autora para as causas afrodescendentes perpassou a história e ganhou mais representatividade na contemporaneidade, tornando ainda mais presente as mulheres negras dentro da literatura. No entanto, as denúncias da escravidão são recorrentes nas escritas como é o caso da escritora Conceição Evaristo, que traz denúncias não só de um passado escravizado, mas de uma sociedade que insiste em viver a escravidão.

No próximo subitem, apresentamos uma síntese geral da literatura afro e negro brasileira. É esse âmbito literário que enfatiza uma escrita negra e de um passado escravo, como veremos no decorrer dos próximos itens.

### 3. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E NEGRO-BRASILEIRA

A literatura afro-brasileira está ancorada em um passado de escravidão, no qual o negro por décadas foi e é tratado como objeto e ser inferior aos brancos, “[...] a imagem do negro era carregada de estereótipos que socializaram e se torna referência pessoal de uma raça estigmatizada por mitos e lendas de uma suposta inferioridade em relação ao branco.” (Lopedote;Kovalski, 2014,

s/p). Esses estereótipos se perpetuam até hoje, tornando a representação do negro cheio de preconceito e desigualdade. Como bem ressalta Lopedote Kovalski (2014, s/p), “Percebe-se a necessidade crescente de romper os paradigmas do passado preconceituoso que limitou o negro à margem da sociedade, que lhe rendeu marcas de cunho negativo em sua trajetória pessoal e coletiva”. Sobe esse viés, a literatura afro-brasileira busca quebrar esses tabus existentes, trazendo o negro em suas obras não como coadjuvante, mas sendo o autor de sua história.

Segundo os estudos de Duarte (2007, p. 149), “[...] no meio acadêmico, a literatura afro-brasileira é ainda um conceito em construção, objeto de discussão e controvérsias. [...]”. Mesmo em fase de construção, é evidente a presença dessa literatura nas obras literárias não só contemporânea, mas bem antes da contemporaneidade contribuindo de forma significativa na construção da sociedade e da identidade negra. Duarte (2007) menciona os questionamentos relacionados à existência da literatura afro-brasileira, ressaltando que:

[...] ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afro-descendente da língua portuguesa – Úrsula – no mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas Trovas burlescas... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa. (Duarte, 2008, p. 11)

O que pode perceber é que a literatura afrodescendente já era representada por autores bem antes dos contemporâneos, explicitando que a luta por um lugar na sociedade não é recente, mas autores já citavam os maus tratos da escravidão. Muitos tinham que resistir aos preconceitos e até a não aceitação de suas obras, como é o caso de muitos escritores que só tiveram suas obras reconhecidas com a literatura contemporânea, e não sendo aceito nos cânones, uma vez que, suas obras não seguiam os padrões existentes da sociedade em que vivia. Esse também foi o caso de muitos escritores mesmo trazendo os negros em suas obras, os colocam em um lugar inferior.

Tal forma que literatura afro-brasileira já havia representações, também encontrou dificuldades, pois os autores sofriam da cultura do branqueamento. Apesar da grande evolução da Literatura Afro-Brasileira, ela vem sendo “[...] motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam incorporação de territórios discursivos antes eram relegados ao silêncio” (Duarte, 2005, p. 2). As restrições ainda são recorrentes e se fazem presentes no discurso do enquanto processo de construção e resgates de vozes que ainda tentam silenciar no meio literário. Como conceitua Zin (2018, p. 270):

[...] a literatura afro-brasileira, ao expor as mazelas e a natureza profundamente desigual de nossa sociedade, encontrou uma brecha para denunciar o preço de se viver em um país onde o fazer literário continua sendo reserva de classe e em que boa parte da população é excluída tanto de sua produção quanto de sua fruição.

Tal afirmação nos mostra que a literatura afrodescendente não é completamente aceita pela população que se autodenomina branca, pois nela contém denúncias ao racismo e ao sistema opressor da sociedade e do país. É importante ressaltar que mesmo com o conceito de literatura

afro não é de exclusividade. Essa literatura pode ser abordada por brancos, mas, segundo os estudos de Duarte (2005), alguns elementos podem identificar essa escrita, sendo a temática, autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Ambas agregam conceitos que pode se configurar como uma escrita afro-brasileira, acarretando o resgate do povo negro no Brasil, assim como denúncias à escravidão, à definição do que é ser negro em solos brasileiros, buscando uma igualdade na escrita de uma literatura negra de autoria de brancos.

A literatura afro-brasileira retira o negro do lugar de objeto, ser inferior e marginalizado na escrita dos brancos, e o coloca como autor de sua própria história, para que diante de suas visões do mundo e de suas vivências passe a escrever sua história sem nem estereótipos que os brancos nos atribuíram, pois, de acordo com Cuti (2010, p. 11), “[...] o Brasil é dos brasileiros, porém é preciso acrescentar que é de todos os brasileiros.” Parafraçando o autor, o Brasil não é pertencente apenas a população branca, mas, sobretudo, aos negros que, mesmo sendo maioria, é a classe mais inferiorizada, que tem suas conquistas ainda oculta pelos brancos, continuando uma hierarquia de um país exclusivo para brancos.

Essas questões ficam evidentes quando Cuti (2010, p. 25) afirma que: “Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências”. Os negros-brasileiros encontram no próprio preconceito uma forma de se manifestarem e trazerem à tona essas relações com a raça negra, mostrando como o sistema ainda oprime e menospreza essa classe e nos marginalizando a cada dia.

Enquanto aos conceitos de afro-brasileiro e negro-brasileiro, Cuti (2010) discorre que a “afro-brasilidade” pode sobreviver sem o negro, uma vez que um afro-brasileiro pode ser um não negro”. Em outras palavras, um branco mesmo diante de toda sua experiência e conhecimento das causas do negro, ele nunca poderá senti ou até mesmo se expressar em suas obras, algo que ele não vive de forma concreta em contrapartida o autor negro lança-se nessa escrita, não apenas de forma superficial, mas de quem vive, experimentaram e sentiram o preconceito e algum momento. Discorrendo ainda que “a literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África” Cuti (2010, p. 44). Quando o autor se autodeclara negro em suas obras, toma por si uma coletividade e uma aceitação do seu próprio eu, sua própria identidade.

Essa literatura é resistência de uma raça que luta, mesmo vivendo em um país que tenta apagar da história os apontamentos de nosso passado negro, não deixando embranquecer, em que a resistência feminina se manteve ganhou seu espaço, a literatura afro-brasileira e negro-brasileira vem passando por grandes descobertas, proporcionando a ampliação de seus corpus, momento também propício para a representatividade das mulheres negras vem exercendo essa resistência por meio de suas escritas. A obra que iremos analisar é uma literatura de resistência tanto na escrita como na própria autora, diante disso o conceito de resistência é uma marca presente no decorrer de todo as discussões.

Diante de tudo que já foi ressaltado, a seguir, apresentamos o conceito de resistência, que, na próxima sessão, nos auxilia a discorrer sobre toda essa luta por seu lugar e de sujeito na sociedade.

### 3.1. Resistência

Se pensarmos esse termo relacionado a escravidão, observamos que a resistência consiste na não aceitação da escravidão, em que os escravizados resistiam ao cativo, prática essa que no Brasil se fez presente por anos.

Nessa época, as mulheres negras não eram poupadas dos castigos; no entanto, eles eram recebidos por elas eram ainda maiores que os dos negros. Além dos açoites, tinham seus corpos violentados com a prática do estupro. Evaristo (2005, p. 52) discorre sobre o conceito de mulher negra e sua sexualidade “A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor.” Com essa afirmação, é perceptível que ainda vivemos período de grande luta e resistência, a todos os tipos de preconceito existente na sociedade atual, por ter uma visão totalmente contrária da mulher negra.

Percebemos que, diante de tantos estereótipos colocados nas mulheres negras, levando em consideração o que a sociedade impõe, a mulher branca é um ser frágil, enquanto a negra servia de doméstica e objeto de prazer para o seu senhor. Desse modo, temos essa falsa representação da mulher negra, esses estereótipos já são existentes em relação ao período escravista, no qual tais mulheres eram escravizadas.

A literatura escrita por mulheres negras foi silenciada e tida como algo sem valor, inferior, comparando-se a dos brancos, mas, as escritoras negras resistiram, escreveram e continuam a lutar contra esses conceitos que são vistos pela sociedade, mesmo com tanto preconceito não conseguiram nos calar. Como ressalta Silva (2012, p. 108), “[...] o discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar vozes, principalmente de algumas mulheres que estavam contentes em serem rotuladas de o segundo sexo e que, por isso, se negaram à subordinação.” Essas mulheres não aceitavam os padrões que a sociedade empunha a elas e tão pouco rotuladas como sexo inferior na sociedade.

Evaristo (2005) reconhece que as mulheres negras ainda hoje sofrem com esses estereótipos, havendo ainda essa necessidade de ser autorrepresentada na sociedade em que se atua. A mesma menciona a ausência da representação de tal mulher como mãe, matriz de uma família negra, perfil esse que é dado para as mulheres brancas. Nesta percepção, é notório que todas essas questões já vêm de um regime totalmente patriarcal, em que a própria literatura não dava essa liberdade para que mulheres negras pudessem escrever. Contudo, foi na literatura que muitas delas ganharam esse espaço, para expressarem seus sentimentos. Por meio dessa percepção, foi possível trazer os sentimentos mais íntimos de cada personagem, buscando dentro das obras essa igualdade entre brancos, negros, pobres e ricos.

No entanto, a escrita feminina negra tem tido uma não aceitação por parte da sociedade, levando algumas escritoras a assinarem suas obras com pseudônimos, como é o caso de Firmina. Tal escrita foi um grande marco que se consolidou como esfera de resistência, gerando espaço a muitas outras escritoras, como é o caso, a nosso ver, da maior representatividade contemporânea da literatura negra Evaristo, e muitas autoras que fazem uma autorrepresentação da mulher negra, criando uma literatura, em que a mulher negra deixa de ser um objeto e passa a ser o sujeito. Com isto, observaremos que a obra a ser analisada traz em si essa marca da escrita negra que a princípio não houve total aceitação por parte de escritores; no entanto, se faz presente.

Diante das discussões traçadas no decorrer dos textos, percebemos que há marcas presentes de violências nas falas citadas. Diante disso, discorreremos, no próximo item, de forma sucinta, sobre o conceito de violência, sob um olhar literário a partir da análise dos excertos da obra.

#### 4. UMA ANÁLISE DAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR SUSANA NO NONO CAPÍTULO DO ROMANCE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

A obra *Úrsula* é um romance em que a narrativa traz a história de dois jovens, Úrsula e Tancredo. Há também os personagens Luisa B, Comendador P, Túlio e Susana. Úrsula é uma jovem branca, pura, simples e solitária, que dedica seus dias a cuidar de sua mãe, que não goza mais de uma boa saúde.

Já Tancredo é nobre bacharel, íntegro e de coração bondoso, que se dedicou aos seus estudos, abstendo do convívio de sua amada mãe. Luisa B, mãe de Úrsula, mora na fazenda que herdou de seu pai na divisão de bens ao casar-se; não dispondo de uma boa saúde, teme em deixar sua filha desamparada, e sob as atitudes do irmão, o Comendador O, que é um homem de má índole, perverso e rancoroso, que rompeu os laços com sua irmã após seu casamento, e muito conhecido por seus maus tratos aos criados.

Ainda na divisão de bens, Túlio, um dos que servia a fazenda do Comendador, foi morar com Luisa B, em sua fazenda. Ele é um dos negros que nasceu em cativeiro e sonha com em um dia usufruir de sua liberdade. Além disso, traz em si um passado doloroso, pois ainda na infância sofreu a perda de sua mãe, vivendo aos cuidados de Mãe Susana, era como ele se referia a preta Susana, que já era de uma senhora que ainda na mocidade foi retirada de sua pátria, para ser escravizada no Brasil. Ela e Túlio foram morar com Luisa B, sendo cessada de muitos sofrimentos.

A autora maranhense, Maria Firmina dos Reis, rompe com essa escrita de literatura exclusivamente por homens brancos. Ela possibilitou que mulheres adentrarem no espaço de escrita literária, tendo seu lugar de fala reconhecido. Com isso, a obra *Úrsula* é o primeiro romance abolicionista do Brasil e da literatura afro-brasileira. Ele traz a narrativa de um triângulo amoroso, entre Úrsula, Tancredo e Comendador P., que, ao conhecê-la, se apaixona de forma obsessiva pela sobrinha. Diante de muitos acontecimentos a mãe de Úrsula veio a falecer, deixando a jovem à mercê de seu tio e a triste sorte de seus infortúnios.

Em seguida, o nono capítulo traz a personagem Susana que é o foco principal da análise, em que ela em diálogo com Túlio faz questionamentos a Túlio, a respeito da liberdade que ele busca. Susana traz consigo relatos por meio de recordações de memórias vividas, sua vida antes de ser capturada de sua terra natal e jogada nos porões de um navio negreiro, junto com outros negros, as situações desumanas e deploráveis que foi sua travessia até chegar em terras brasileiras para ser escravizada; tudo isso Susana fala a Túlio com muita dor.

Susana, mesmo sendo personagem secundária, ganha voz e exprime relatos das dores da escravidão e as marcas que isso lhe causou ao corpo e memória. Ela se torna protagonista de sua própria história, o desfecho do romance ocorre de forma trágica, em que Tancredo e Túlio são assassinados. Logo, com a perda de Tancredo, Úrsula perde o interesse pela vida e veio a loucura e aos poucos sua vida foi ceifada. Susana vive seus últimos dias em cativeiro e lá foi esquecida sem água e comida, o que a levou à morte. Comendador, consumido pelo remorso, enlouquece e se confina em um convento, onde teve seus últimos dias de vida.

Tendo observado esse breve resumo da obra *Úrsula* e as discussões traçadas até aqui, nesta seção, tratar-se-á sobre as violências sofridas por Preta Susana no romance *Úrsula*, no capítulo nove. É importante destacar que nos capítulos anteriores da obra não há marcas frequentes de violência sofridas por Susana, mas no capítulo em tela ocorre com muita frequência; nos capítulos seguintes também há, no entanto, elas ocorrem de forma não recorrente. Diante disso, as análises que serão realizadas a seguir são iniciadas a partir do capítulo nove.

Ao realizar a leitura do romance e observar as falas e aparições da preta Susana na obra, fica evidente a presença da violência psicológica e física sofridas pela personagem, pois ambas ocorrem de forma simultaneamente. A violência física ocorre quando ela sofre agressões físicas, as quais ocasionam machucados no corpo e afetando a vida de quem sofre, desde machucados mais leves até machucados mais sérios, como ressaltaram Coelho, Silva e Lindner (2014), ao trabalharem o conceito e as características de violência física.

A violência psicológica ocorre quando há agressões verbais, agressões que diminuem o outro, ameaças, manipulações, o que ocasiona isolamento, assujeitamento ao outro, a violência psicológica enfatizando o que é trazido por Severiano (2018) faz uso principalmente de ameaças, e traz a ideia de um poder maior, usando basicamente a falar como principal meio para tal agressão.

Dito de outro modo, ambas as violências são relacionadas, pois quando ocorre violência física automaticamente esta deixa marcas psicológicas na vítima. Isso será muito perceptível na obra, pois Susana sofre ambas as violências de forma simultânea. Diante disso, seguimos com a análise do capítulo nove, com a primeira marca de violência sofrida por Susana. Isso ocorre por meio de um diálogo que ocorre entre Susana e Túlio, citamos:

Susana chama-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (Reis, 2017, p. 99)

Nesse trecho inicial do nono capítulo, a autora descreve Susana, destacando como era suas vestes e sua aparência física. No trecho “pernas magras e descarnadas”, há evidências da violência sofrida por Susana, os maus tratos físicos. Ela se encontrava em estado de descuido, má alimentação, perceptíveis quando a autora destaca “pernas finas magras”, também há marcas de violência física, quando Maria Firmina dos Reis ressaltava que a personagem encontra-se com as “pernas descarnadas”. Mesmo tendo aparência sofrida, percebemos o descaso com Susana, em relação a sua ao seu estado físico, como bem ressaltava Grossi (2012) ao argumentar que a violência possui muitas caras e acaba sendo ignorada ou tida como algo normal para a sociedade, dependendo do grupo que se faz parte. Nesse sentido, é nítido que ela sofreu violência, uma vez que Reis (2017) cita que as pernas da personagem Susana estavam feridas. Nesse trecho, tem-se a marca da violência física sofrida por Susana.

Dando continuidade ao diálogo entre preta Susana e Túlio, a personagem Susana profere que:

– Tu! Tu livre? Ah não me iludas! – Exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...

– Iludi-la! – Respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê?

Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como éreis na vossa pátria.

Essas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos.

Túlio olhou- a com interesse; começava a compreender- lhe os pensamentos.

– Não se aflija – disse –Para que estás lágrimas? Ah! Perdoe-me, eu despertei-lhe uma ideia bem triste!

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:

– Sim, para que estas lágrimas?!...Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu gozei na minha mocidade!

[...] (Reis, 2017, p. 101)

No trecho que indicamos acima, a personagem Susana recorda de forma dolorosa tudo que sofreu desde sua retirada de sua terra natal, para ser traficada. Ficando notório quando a autora destaca que a personagem teve uma “recordação dolorosa” ao lembrar as violências físicas e psicológicas que ela sofreu principalmente por ser retida de forma tão cruel de sua amada pátria.

Ao fazer essa recordação, Susana solta “um gemido magoado”, ou seja, a autora destaca as marcas de violência psicológica que a personagem traz consigo. A violência sofrida por Susana se perpetua para sempre em seu psicológico, pois ela sempre recorda. Isso mostra que a violência psicológica, por mais que não deixe marcas físicas e mesmo com o decorrer dos anos, ficam as marcas irreparáveis na memória, no psicológico de quem a sofre isso implica em toda vida de Susana (Severiano, 2018). Mesmo Susana não sendo mais vítima de violência física com sua atual senhora, isso não é o suficiente para apagar tudo o que ela já viveu. No entanto, Susana não acredita na liberdade que Túlio tanto almeja.

Ela, por saber que seria algo impossível de conquistar o questiona em relação, pois bem sabe que liberdade igual como a que eles tinham não as teria mais, diante de tantas lembranças, põe-se a chorar durante o diálogo com Túlio e as caracteriza como “um tributo” e saudade; saudade da família, de sua terra, da sua liberdade, da qual ela bem destaca como tendo aproveitado muito na sua juventude, no entanto, liberdade essa que lhe fora outrora roubada.

[...] E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até minha própria liberdade!

Estava extenuada de aflição, a dor era- lhe viva, e assoberbava- lhe o coração. (Reis, 2017, p. 102)

Susana continua seu diálogo com Túlio frisando sobre a saudade da sua liberdade e da terra natal. Nesse momento, no capítulo nove, ela lembra não só sobre seu país, mas também sobre a saudade de sua família, seu esposo, sua filha, os quais ela foi obrigada a deixar para trás, juntamente com sua liberdade que era uma de suas maiores dores.

Para Severiano (2018, p. 46), a violência psicológica é a “[...] exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e a autodeterminação [...]”. Desse modo, Susana passou por esse processo de exploração ao ser escravizada. No momento em que retiraram bruscamente seus direitos, não deram a ela o poder de

escolha, ou seja, ela passou a não ser mais dona de suas vontades, anseios e desejos, visto que estes passaram a ser dominados por terceiros. Com isso, ela perde sua própria liberdade, o direito de ver sua filha crescer e o prazer de estar junto dos seus.

Esse fragmento sinaliza a violência sofrida pela personagem, em que ela foi arrancada de seu seio familiar e de seu país, de forma bárbara, assim, houve a efetivação da violência física sofrida por Suzana. Como já citado, a personagem também passa por violência psicológica, visto que os traumas a acompanham no decorrer de toda sua existência, pois tudo ficou gravado em sua memória, a violência física sofrida, as palavras proferidas a ela com tom agressivo, as dores sentidas por ela.

O diálogo entre os personagens continua e logo a seguir a autora traz as evidências concretas de como ocorrem algumas violências físicas sofridas por Susana.

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (Reis, 2017, p. 102-103)

Nesse parágrafo, Susana aponta e enfatiza o quão bárbaro foi sua captura e como ocorreu sua retirada de seu país e de sua família para assim ser escravizada em outro país, fica evidente que Susana sofreu ao ser retirada a força sem poder defender-se, ela destaca a violência física sofrida ao ser amarrada com cordas por dois homens, nesse momento tornando-se escravizada.

Ao destacar sobre violência física, Coelho, Silva e Linder (2014, p. 20) ressaltam que ela “[...] ocorre quando uma pessoa está em relação de poder com a outra, podendo causar ou tentar causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. [...]”. Sendo exatamente isso que aconteceu com Susana ao ser capturada, não podia mais gozar de sua liberdade, uma vez que essa lhe foi arrancada cruelmente sem nenhum temor.

Nesse momento, ocorrem os dois tipos de violência, a física, como destacado pelos autores anteriormente (Coelho; Silva; Linder, 2014, p. 20), e a psicológica. Para Safioti (2015, p. 79), ao sofrer a violência física, o sujeito também sofre a violência psicológica, pois os maus tratos ficam marcados em sua memória. As marcas de violência psicológica são notórias quando a personagem clama por liberdade, no entanto, ela é zombada, os bárbaros que a capturaram apenas riam de suas súplicas.

A personagem ainda ressalta sobre sua dor ao ser retirada sem liberdade de escolha de sua terra para ser escravizada, e ela tinha uma vida de felicidade e sua plena liberdade, mas tudo lhe foi roubado, e ela fala sobre o sentimento angustiante que foi tudo isso e como afetaram sua vida no passar dos anos, pois ela ainda lembra de forma recorrente sua dor.

A súplica feita por Suzana ao dizer “Meu Deus O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar” deixando evidente que, por mais doloroso que fosse, ninguém poderia mensurar tudo que ela passou. Susana dá continuidade ao diálogo com Túlio, agora, relatando o que ela denomina como “cativeiro”.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias e cruéis tormentos, e de falta de tudo quanto é mais necessária à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras.

Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros a falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. (Reis, 2017, p. 103)

Nesse relato por meio de suas memórias, Susana destaca como ela e outras pessoas estavam sendo transportadas em condições desumanas, em que tudo lhes faltava. Retiradas de seus países e de suas famílias para se tornarem escravizados. Ela os denomina como “mercadoria humana”. Assim, registra de forma minuciosa seu cativo e a travessia dentro do porão de um navio. A autora fala sobre a escravidão por meio das lembranças da personagem, e das violências físicas e psicológicas que ela carrega em si.

Susana externa a violência física que sofreu ao destacar que a jogaram em um porão apertado juntamente com outras pessoas. Esse lugar era infectado de sujeiras, bichos e restos de comidas, onde eles tiveram que passar trinta dias de muitos tormentos, sofrendo bárbaras humilhações, todos foram obrigados a serem transportados em pé, amarrados e acorrentados.

O ato de acorrentar é uma violência física, pois Susana, assim como as demais pessoas, não tinha como se defender ou se movimentar para fazer suas simples necessidades. Havia falta de água potável e, além disso, a pouca quantidade de água que lhe era servida era sem condições alguma de consumo. No entanto, para própria sobrevivência, Susana obrigava-se a beber e sobreviver dos restos de comida que lhes eram servidos.

Diante dos maus tratos e de todas as violências sofridas, muitos chegavam a óbito, ao passo que outros, ao verem seus companheiros morrerem em consequência dos maus tratos, optavam pelo suicídio. Em outras palavras, muitos davam-se a morte antes de chegar ao destino final, jogava-se ao mar, pois, para eles, era preferível morrer à escravidão e à tortura que estavam sofrendo.

A autora deixa claras as violências que Susana sofreu em todo esse trajeto até ancorar-se em terras brasileiras. Tais acontecimentos acarretaram profundas marcas psicológicas e físicas deixadas em Susana, que ao relembrar no discurso a falta de compaixão de seus semelhantes para com os outros.

Nos últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças de motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades.

Não sei ainda como resistir – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de serva com novos tormentos que aqui me aguardavam.

O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P... derramaram sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por falta de Inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que davam a meus irmãos, e tão rigorosos com os que eles sentiam. Eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça.

Pouco depois casou-se a senhora Luísa B... e ainda a mesma sorte: seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor. (Reis, 2017, p. 103-104)

Neste trecho da obra, Susana relata que, nos últimos dias da viagem, já havia escassez de alimentos para ela e seus companheiros. Diante de tamanho infortúnio, muitos já não tendo forças lamentavam-se diante da situação. Ela também ressalta que, para dar fim aos que já estavam agonizando diante de todo sofrimento e violência, sobre eles era lançado água juntamente com breu fervente, configurando-se a violências física, uma vez que seus corpos eram queimados, com isso, muitos por já estarem em condições decadentes não resistiam e morriam.

Logo em seguida, Susana faz menção a dor de perder a sua pátria, seus queridos familiares e sua liberdade. Esse sofrimento vivido no passado ocasionou profundas marcas em seu psicológico e em seu corpo, pois ela destaca que houve muitas atrocidades em todo percurso de sua viagem até sua chegada em terras brasileiras.

Mais à frente, ela faz um auto-questionamento referente a sua sobrevivência, ou seja, como ela conseguiu sobreviver a tantos maus tratos que sofreu. Além disso, ela ainda menciona que sofreu nas mãos de seu “dono” que a comprou, que foi o comendador P. Tal sofrimento fica nítido quando Susana descreve-o com tanto terror e pavor, e ao ver a situação em que se encontrava seus irmãos, isto é, os outros escravizados que já havia na fazenda e que pertenciam a ele.

Susana traz em sua memória feridas profundas das violências que sofreu nas mãos do Comendador P., dos castigos que recebia dele; ela sofreu sem nenhuma piedade por parte do comendador. Não tendo possibilidade de se livrar de tamanhas violências sofridas, continua a suportá-las, mas agora os maus-tratos vinham do esposo de Luísa B., que era Paulo B., pois Susana foi dada como parte da herança que Luísa B., recebeu do comendador P., seu irmão, após seu casamento. O Paulo B. não hesitava em castigar Susana. Ela discorre que sofreu toda a violência em total silêncio.

Em seguida, Susana continua a fazer memórias de sua vida como mercadoria de Paulo B., que, para ela, era um homem mau, sem piedade para com o próximo. Diante disso, Susana continua seu relato, proferindo sobre como passou a ser tratada por Luísa B. e sua filha Úrsula.

Senhor Paulo B...morreu, e sua esposa e sua filha procuraram em sua extrema bondade fazer-nos esquecer nossas passadas desditas! Túlio, meu filho eu as amo de todo meu coração, e lhes agradeço: mas a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – Meu marido, minha filha, minha terra... minha liberdade...

E depois ela calou-se, e as lágrimas, que lhe banhavam o rosto rugoso, gotejaram na terra. (Reis, 2017, p. 104).

Nesse trecho destacado, Susana traz consigo palavras de gratidão ao se referir a Luisa P... e sua filha Úrsula, pois diante da morte do esposo de Luisa P, que era o Sr. Paulo B., Susana passou a não ser mais castigada, ou seja, seu sofrimento físico foi amenizado, pois Luísa B. e Úrsula tentaram compensar todo sofrimento e violência que Susana sofreu, dando a ela a oportunidade de uma vida sem violência e maus tratos.

No entanto, a personagem deixa nítido em seu relato que as marcas da violência sofrida em seu passado não tão distante, ainda perduram em sua vida, não mais por meio da violência física, mas por meio das memórias que ela sempre toma sobre todo sofrimento vivido por ela.

Ao rememorar todo seu sofrimento, Susana finaliza destacando que, mesmo sendo acolhida e tratada bem por Luísa B. e Úrsula, nada apaga ou ameniza a dor por ter sido obrigada a deixar sua família, sua terra e sua liberdade. Para ela, a dor que carrega no coração somente poderá ser apagada por meio de sua morte.

Destarte, a análise deixa nítido que a violência psicológica assim como a violência física deixou marcas profundas em Susana, acarretando em um sofrimento contínuo, o qual nada e nem ninguém poderá fazê-la esquecer. Tendo em vista que, toda sua trajetória de vida desde que foi escravizada foi marcada por muito sofrimento, violência, tortura, maus tratos e péssimas condições de vida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos permitiu perceber a importância da literatura negra e afro-brasileira para a sociedade de um modo geral, mas principalmente para a população negra, a qual nem sempre tem seu lugar de fala. Essa literatura também trouxe um leque de possibilidades para que outras mulheres negras viessem a escrever sobre suas próprias vivências dentro da literatura. Assim como veio romper muitos paradigmas em relação aos preconceitos raciais e às violências sofridas por mulheres negras dentro da sociedade.

Maria Firmina traz de forma recorrente em sua obra a questão do negro e a figura feminina. Ela faz uma abordagem do tema violência por meio de denúncias ao sistema escravocrata que havia na época. A escritora apresenta de forma explícita a violência sofrida pela personagem preta Susana ao ser escravizada. Além disso, a autora traz em sua escrita a fala da personagem em primeira pessoa do singular, dando lugar de fala a ela, onde Susana aponta todas as violências sofridas e as marcas deixadas por elas, as quais são visíveis em seu corpo e a violência psicológica, a qual ainda reverbera em sua mente.

Desse modo, a literatura tem espaço para as vozes dessa população que é subalternizada por uma sociedade em que é predominante a cultura branca. E tem se tornado possível a escrita de mulheres negras na literatura, ocupando seu lugar de fala e sendo protagonistas de sua própria história. Firmina foi essa porta voz e resistência, para que essas mulheres relataram suas vivências por meio da escrita, que mesmo passando por dificuldades para ter esse espaço no meio literário,

é possível contemplar significativas vitórias e constituídos nesses espaços e tendo seu reconhecimento enquanto escritoras negras.

E é nessa perspectiva que é importante e essencial esse olhar para as novas literaturas. É importante destacar que a pesquisa não é voltada para o processo de ensino, todavia, esta pode ser utilizada e servir como complemento e fonte de estudo no ensino da literatura-afro nas escolas, uma vez que aborda questões étnico-raciais, e também a violência contra mulheres negras, o que ocorre frequentemente nos dias atuais.

Quando se fala em violência contra mulheres negras, é notório que ainda existem muitos tabus no meio social, visto que é algo que está enraizado na sociedade. Assim, a figura da mulher negra ainda está associada ao passado escravo, a figura da mulher como subordinada aos prazeres de outros, como servente dos brancos. Além disso, as mulheres negras ainda se sentem acuadas e optam por camuflar as violências sofridas.

A ocorrência das violências tem se feito bastante presente e recorrente na atualidade. Com isso, é possível perceber um retrocesso na sociedade, que insiste em viver as marcas de um passado escravo. Essas literaturas vêm possibilitar intensos avanços para a população negra que luta e resiste dia após dia, buscando seu espaço e quebrar de uma vez com as marcas das violências que insistem em se fazer presente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Doranci. **Violências contra as mulheres negras: Correntes Invisíveis do Racismo** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **A Literatura Afro-Brasileira de Autoria Firmina: Um estudo de Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis. Revista ao pé da Letra- Volume 15.2-2013. Disponível em: <https://periódicos.ufpe.br/revista/pedaleta/article/download/231814/25958> Acesso em: 22 de nov. de 2021

BRAEM, Eloisa P. C. A.; OLIVEIRA, Paulo Cesar S. Representações da violência na literatura: apontamentos para uma possível apresentação PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói/RJ, Ano 10, n. 18, p. 18-33, out. 2019 a março 2020.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 40. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

COELHO, Elza Berger Salema. SILVA, Anne Carolina Luz Grudtner, LINDNER, Sheila Rubia. **Violência: definições e tipologias** [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Santa Catarina; organizadores, Elza Berger Salema Coelho, Anne Carolina Luz Grudtner Silva, Sheila Rubia Lindner. — Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** / Cuti -São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e etnia no nascente romance brasileiro: Úrsula**. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, maio/ag., 2005, p.443-444.



DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afrodescendente*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção, **Estudos de Literatura Contemporânea**. núm, 31, 2008, pp.11-23. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127095001>

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Ensaios. **Revista palmares** set 2005 nova entrevista...- Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br> > sites> download. Acesso em: 15 de nov. de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** 1 ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Renata Lourdes Linhares Severiano. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, 2018. 129p.

FERREIRA, Cacio José; SILVA, Tatiane da Conceição. MINHA COR, MINHAS MARCAS: Ficção e história na obra Úrsula, de Maria Firmina Dos Reis. **Revista DECIFRAR**. Amazonas. v. 10, n. 20, p. 63-87, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>. Acesso em: 14 de mai. de 2023.

GROSSI, Patrícia Krieger. **Violência e gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber – 2. ed. Atual. Ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. OMS (Organização Mundial da Saúde), via site. Disponível em: <https://pensadoranonimo.com.br/violencia-psicologica-e-a-forma-mais-subjetiva-de-agressao-contr-a-mulher/>> Acesso em: 20 de fev. de 2023.

GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, 2012.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p.

LOPEDOTE, Maria de Lourdes; KOVASKI, Josoel. **A Literatura e a Imagem Afro-Brasileira**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectivas do professor PDE, 2014. Curitiba: SEED/PR, 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unes-par-uniaodavitoria\\_port\\_artigo\\_maria\\_de\\_lourdes\\_lopedote.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unes-par-uniaodavitoria_port_artigo_maria_de_lourdes_lopedote.pdf). Acesso em: 19 de set. de 2022.

MUZART, Zahidé. UMA PIONEIRA: FIRMINA DOS REIS. **Muitas Vozes [S. I.]**, V. 2, n. 2, p. 247-260, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>. Acesso em: 14 de mai. de 2023.



PAIM, Luciana de Lima; UMBACH, Rosani Ketzer. **Duzu-Querença, Salinda e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d'água**, de Conceição Evaristo. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acesso em: 10 de fev. de 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; A escrava: conto. Maria Firmina dos Reis. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

SALES, Maria Beatriz Ribeiro. OLIVEIRA, Thyara Lyssa Fernandes. JÚNIOR, Vicente Celeste de Oliveira. **Violência de gênero contra a mulher sob a ótica da Literatura Brasileira**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br>. Acesso em: 23 de Jan. de 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SEVERIANO, Renata Lourdes Linhares. **Violência, trauma e empoderamento representados nas Insubmissas lágrimas de mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo** / Renata Lourdes Linhares Severiano. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, 2018. 129p.

SILVA, Marcelo Medeiros. Práticas de escrita feminina: o exercício da resistência. **Revista Verbo de Minas**. Juiz de Fora, v.13, n. 21, jan/jul. 2012. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/189/114>. Acesso em: 10 dez. de 2023.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: ed. do Autor, 2011.

TOLEDO, Michele Abdo Merlone dos Santos. **Um estudo acerca de crianças vítimas de violência em uma instituição de atendimento em Campo Grande-MS**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2003. 156p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Dom Bosco, Campina Grande, 2003.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Rei: **a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/19479/2/Rafael%20Balseiro%Zin.pdf> Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ZIN, Rafael Balseiro. Literatura e afrodescendência no Brasil: **Condições e possibilidades de emergência de um novo campo de estudo**. Caderno Seminal Digital, n° 29, v. 29(JAN-JUN/1018) Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/cadsem.2018.30978> Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

